



GONÇALVES, ANA TERESA MARQUES. *A ARTE POÉTICA A SERVIÇO DO PROSELITISMO CRISTÃO: RELENDO OS POEMAS DE AURÉLIO PRUDÊNCIO CLEMENTE (SÉCULOS IV/V)*. JUNDIAÍ: PACO EDITORIAL, 2020.

RESENHA DE LIVRO

JOSÉ WALTER CRACCO JUNIOR¹

Universidade Estadual de São Paulo - Assis

Os estudos concentrados nas balizas persuasivas utilizadas pelos bispos cristãos no âmbito da Antiguidade Tardia têm se mostrado férteis, assim como complexos em virtude dos repertórios mobilizados por esses intelectuais.² Destacamos especialmente as suas críticas tecidas aos *modus vivendi* dos sujeitos com a finalidade de se propor novos prismas à luz de (re)significações cristãs.

Todavia, o proselitismo cristão não se ancorou apenas nas penas episcopais, exemplo disso é a letra poética de Aurélio Prudêncio Clemente. Este escritor hispânico, que viveu entre os séculos IV e V E.C., integrou as estruturas burocráticas imperiais e teve a sua formação calcada nos vieses retóricos clássicos. Acerca deste último, o seu propósito não se assentou em criticar diretamente aquele conjunto pedagógico, mas sim pensar alternativas para colocá-lo a serviço do projeto evangelizador cristão.

¹ Mestrando em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp-Assis. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS-CPTL).

² Referimo-nos neste momento ao clássico estudo de Peter Brown *Power and Persuasion in Late Antiquity: Towards a Christian Empire*. Madison: University of Wisconsin Press, 1988 e ao estudo mais recente de Claudia Happ **Holy Bishops in Late Antiquity: The Nature of Christian Leadership in an Age of Transition**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2005.

Por esse viés, entendemos que Ana Teresa Marques Gonçalves elegeu como objetivo examinar as maneiras pelas quais Prudêncio realizou essa empreitada. Para isto, a autora tomou como fonte os seus poemas. Em uma narrativa clara e bem fundamentada, ela promoveu uma síntese entre as visões de mundo do período – explorando inclusive obras de outros autores contemporâneos à Prudêncio – e as versificações do poeta.

Outro objetivo da obra foi demonstrar que independentemente de se provar fértil para os estudos do campo historiográfico, o arsenal poético de Prudêncio carece de trabalhos que o tomam como objeto ou fonte no Brasil. Assim sendo, podemos entender que a autora buscou contribuir para modificar este cenário e provocar novos/as pesquisadores/as.

Neste sentido, este livro também demonstra o equilíbrio teórico e metodológico da pesquisadora. Com rebuscadas leituras de referenciais franceses, ingleses e espanhóis, ela esquadrinhou até que ponto o seu estudo está coadunado e contribui, a exemplo, com as perspectivas de Averil Cameron acerca da relação entre retórica e história³; as colocações de Norbert Elias⁴ no que diz respeito às relações de medo e desejo estabelecidas pelos sujeitos no momento de suas ações, ajuda a autora a sondar a fonte do proselitismo cristão: “conhecer para converter”⁵; já as perspectivas de Etienne Ferrandi proporcionam um fio condutor para a compreensão da ideia de História presente em Prudêncio⁶.

Tomando como pressuposto este último ponto, Ana Teresa demonstra o constante resgate histórico orquestrado por Prudêncio com a finalidade de legitimar os seus argumentos e cimentar as práticas religiosas para aqueles e aquelas recém convertidos, ou mesmo manter a comunidade cristã alinhada. Uma de suas lições seria que o Império Romano se formou pela graça de Deus, desvencilhou-se com o paganismo, mas retornaria à verdadeira essência, demarcando um inevitável curso da história.

Somado a isto, embora não apareça de maneira evidente, a obra nos convida a reflexão sobre o como os mecanismos discursivos de legitimação e usos da história sob a égide testamentária não

³ CAMERON, Averil. *Christianity and the Rhetoric of Empire: The Development of Christian Discourse*. Sather Classical Lectures; Berkeley: University of California Press, 1991.

⁴ ELIAS, Norbet. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

⁵ GONÇALVES, Ana Teresa Marques. **A arte poética a serviço do proselitismo cristão: relendo os poemas de Aurélio Prudêncio Clemente (séculos IV/V)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020, p. 25.

⁶ FERRANDI, Etienne. **La Lutte contre le paganisme dans l'oeuvre de Prudence**. Marseille: Editora Université Aix Marseille, 2017.

seriam propriedades retórica apenas dos bispos, mas instrumentos da fé prontos para serem postos à vista por algum douto.

Para chegar a estes aspectos realçados por nós, a autora dispôs de um esforço semântico para encadear os cinco capítulos. Em cada um são discutidas obras diferentes de Prudêncio e desvelados os seus propósitos.

O primeiro capítulo *O uso dos aspectos históricos e mitológicos na poética prudentina: uma visão de seu contexto de produção poética* tem como foco explorar as respostas de Aurélio Prudêncio a solicitação de Símaco sobre a restituição da estátua e o altar da deusa Vitória para a Cúria de Roma. Antes de adentrar ao íterim dessa questão, a autora deixa evidente que os poemas são hinos de louvor há muito inspirados na Ilíada e Odisseia, além da Eneida.

Os dois poemas *Contra Oracionem Symmachi* foram compilados vinte anos após a solicitação de Símaco. Dessa forma, qual o interesse de Prudêncio em resgatar essa questão? A resposta da autora partiu das decisões do imperador Honório em fomentar o retorno de símbolos como demonstrativos de uma Roma forte, mas isso não seria necessariamente uma continuidade a fé pagã. No entanto, para Prudêncio isso abriria precedentes para a continuidade do paganismo e a oportunidade para homens como Símaco alimentar os cultos às divindades romanas. As epístolas de Ambrósio de Milão serviram de base ao poeta hispânico para agregar argumentos ao caráter polemista de sua obra, algo, inclusive, característico do período. São as polêmicas, em grande medida, que permitiram a circulação de ideias, seja para afirmá-las ou refutá-las.

Em uma narrativa caracterizada em tecer a história com fins apologéticos, o primeiro poema cuidou de ressaltar as virtudes de Teodósio e o combate a ideia de os deuses pagãos serem os responsáveis pelas vitórias romanas. O segundo combate Símaco em sua defesa as virgens vestais e sacerdotes pagãos, enfatizando a vitória de Honório e Estilício sobre os Godos. A autora demonstra seu domínio sobre o tema ao vislumbrar as metáforas de Prudêncio, especialmente no momento em que o autor demonstrou um aquilatado controle sobre os cânones clássicos a fim de criticar a mitologia romana. Um exemplo é apresentar em seus poemas Saturno como deus estrangeiro e fugitivo covarde; Júpiter como sedutor e mercúrio como não protetor, mas criador de ladrões; isso sucedeu-se com vários deuses. Em nossa interpretação, a autora buscou demonstrar como Prudêncio levantou pontos críticos no repertório romano para que as pessoas não se identificassem mais com ele e entendessem a sua derrocada.

As problemáticas do segundo poema se iniciaram com o esforço de Prudêncio em demonstrar que a religião defendida por ele era mais antiga do que o politeísmo romano revigorado por Símaco. De acordo com a autora, o hispânico destacou que o panteão fora formado a partir de deuses trazidos de outros povos derrotados pelos romanos e questiona a maneira a qual esses poderiam defende-los se não os contiveram? Essa é a pergunta guia para o poema e explorada pela autora.

No bojo destas perspectivas, embora Gonçalves não propõe uma abordagem de gênero, ainda assim não deixa de analisar os escritos do poeta com esse olhar em determinados pontos. Há uma atenção ao gênero feminino e ao como Prudêncio o entendia. Na pena de Prudêncio, ocorreu uma deslegitimação de autores do mundo antigo que reportaram feitos bélicos ao feminino, já que o Deus era masculino e militarmente eram os homens que estavam associados. O feminino não era aceito e foi silenciado nos poemas; quando retratado, teve caráter depreciativo.

Nesse seguimento, ao longo da narrativa, a autora propõe uma dialética entre as visões de mundo pagãs e as novas possibilidades defendidas por Prudêncio. Assim, analisa que Símaco protegia a volta aos costumes para a permanência da vitória romana sobre os outros povos, já Aurélio Prudêncio propunha então uma vida menos luxuriosa, um retorno à simplicidade. A autora nota um contrassenso entre o primeiro poema e o segundo, já que no primeiro o poeta defende um retorno a uma fé originária e no segundo assume que o mundo sofreu evoluções e que a uma nova fé carrega uma novidade na recomposição e novos costumes; podemos interpretar Prudêncio adaptando a religião para o seu tempo. A volta aos primórdios não quer dizer a costumes ruins, mas sim uma vida melhor.

Poeticamente, o autor recria a história de Roma com a intenção de ver a ação de um único Deus. Prudêncio se opôs aos escritores chamados de fabuladores, pois criavam mitos e equívocos, Cristo deveria ser a musa para a narrativa verdadeira e a fé serviria de parâmetro de veracidade. A poesia prudentina, na interpretação da autora, era um ato de fé para manter a cristianização do império.

De tal maneira, o segundo capítulo, *Em busca da construção de uma unicidade na expressão da fé cristã*, investigou os poemas *Apotheosis e Harmartigena* cuja principal intenção foi promulgar a unicidade da fé cristã e a autora interpretará também uma unicidade identitária para a geração de condutas compartilhadas. Para isso, essa primeira obra de Prudêncio ofereceu aos cristãos um conjunto de práticas sociais diferentes das dos pagãos ou quando não “tornar-se cristão seria, antes de tudo, refazer vínculos com a cultura pagã em novas possibilidades interpretativas”⁷. O objetivo

⁷ GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A arte poética a serviço do proselitismo cristão*. *Op. Cit.*, p. 106.

não era causar rupturas drásticas, mas sim configurar novos espaços de inserção social com filosofia e religião.

Aurélio Prudêncio assumiu então o cristianismo ortodoxo e a manifestação de Deus a partir da trindade. Isso o fez rivalizar com as concepções dos patripasianos, questionadores da organicidade da Trindade, os unionitas que entendiam a trindade como mesma pessoa, os sabelianos e judeus são da mesma forma refutados. Ana Teresa chamou a atenção em como os milagres de Cristo eram tratados poeticamente nos hinos após as críticas a essas outras formas que deturpavam a trindade.

No *Hamartigenia* a autora comentou que Prudêncio teve acesso as obras de Tertuliano, que o influenciaram de maneira ímpar, sobretudo para pensar as atitudes que poderiam enfraquecer a unidade cristã. Contextualizadas por Gonçalves, as ideias do hispânico estavam balizadas com os acontecimentos políticos, já que na ocasião da passagem do poder de Teodósio I aos seus filhos, os pagãos aproveitaram da oportunidade para causar cisões. Nessa oportunidade, Márcion foi associado a Caim e teorizado como inimigo da unidade. O Diabo também é pintado nos escritos de Prudêncio como responsável por corromper o homem e o levar aos dissabores do livre-arbítrio decaído.

As tentativas de Prudêncio em reprimir a sexualidade feminina e legar às mulheres um lugar secundário é amplamente problematizada pela autora, que busca no manual militar de Polieto uma outra leitura sobre o papel da mulher nos conflitos bélicos. Desse ponto, a autora passa a defesa do livre-arbítrio realizada pelo poeta hispânico. Em nossa análise, as ideias do autor a respeito do livre-arbítrio atravessam campos comuns em relação ao imaginário cristão que se lapidava no período e que encontraria em Agostinho de Hipona a sua expressão máxima. Algo constante seria a perspectiva de que a fé ofereceria o caminho para a salvação, esse caminho ficaria menos árduo com a ajuda de hinos e imagens cristianizadas.

Em *Tempo e espaço na poética prudentina* Ana Teresa delineia a estratégia de Prudêncio em manter o cristão ocupado com orações e imagens para preencher a sua rotina. *Cathemerinon* deve ser analisado sob essa égide, assim como à luz de repensar a passagem do tempo. Deste modo, a autora interpreta nesses escritos reconstruções de noções temporais rumo à uma nova visão de mundo e de estilo de vida. Os hinos seriam gatilhos para a memória e serviriam tanto para reforçar a fé quanto propagá-la. Os doze hinos que compõem a obra são minuciosamente explorados na análise, de forma que as metáforas, metonímias e relações de poder são captadas por Ana Teresa, que demonstra um largo conhecimento do período para contextualizar, organizar e entender as propostas do hispânico.

Quanto aos estímulos dos sentidos, a autora se lançou ao desafio de explorar uma das obras menos estudadas de Prudêncio: *Dittochaeon*. Trata-se quarenta e oito epigramas de tema bíblico; apoiada em Jean Fontaine, destaca que são legendas poéticas para murais, mosaicos, esculturas, ou mesmo miniaturas de manuscritos dispostas em epigramas de quatro versos em “hexâmetros dactílicos cada um”⁸. “Tais descrições imagéticas, realizadas de forma poética, nos fornecem elementos para repensar o espaço enquanto paisagem e enquanto cenário para desenvolvimento do proselitismo cristão”⁹.

Agregado a isto, está a retirada de símbolos pagãos dos espaços públicos e a carência conseguinte de imagens. A hipótese de Ana Teresa é a de que este poema tenha atendido ao quesito de repositório de imagens para serem utilizadas nesses espaços. As poesias possibilitavam projetar imagens do narrado. Há várias interpretações postas ao longo do capítulo acerca dos significados e das referências testamentárias, além da apropriação de repertórios clássicos a serviço do cristianismo. A água, por exemplo, encarada como fonte de vida no mundo antigo, seria retomada a partir da interpretação bíblica de sacralizar espaços e demonstrar a ação divina, sobretudo em cenários áridos descritos com abundância aquífera.

Por sua vez, o capítulo quatro *O martírio como caminho para a salvação* retrata o poema *Peristephanon*, compilado com a finalidade de ser cantado e contado em versos o sofrimento dos mártires; Ana Teresa assinalou que a perspectiva dos mártires apresentou o intuito de impregnar o imaginário com novos heróis, já que haviam sido abertas lacunas em relação aos heróis do mundo antigo. Nesse processo, coube a Prudêncio repensar a forma como os romanos entendiam a morte e projetar uma morte garantidora de vida continuada no Além. Nos versos do poema, ele cantou e recontou as façanhas de superação espiritual de mártires de variadas localizações e períodos.

Mais uma vez, é interessante a atenção da obra para as mulheres. Prudêncio descreveu duas mártires e a autora observou que se os homens personificavam coragem, lealdade e virilidade, as mulheres eram descritas como virgens e por esse motivo também viris. No entanto, elas eram incapazes de serem representadas como mulheres plenas quando fossem casadas ou mães, já que isso lhes conferia feminilidade.

O último capítulo *A luta do bem contra o mal pela alma humana* investiga a maneira pela qual Prudêncio delineou o controle pela alma em seu poema alegórico *Psychomachia*. Calcado no gênero épico tradicional, o hispânico buscou ressaltar os benefícios da conversão ao cristianismo ao mesmo

⁸ GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A arte poética a serviço do proselitismo cristão*. *Op. Cit.*, p. 184.

⁹ GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A arte poética a serviço do proselitismo cristão*. *Op. Cit.*, p. 185.

tempo que atacava vícios. Portanto, interpretamos que ele escrevia tanto para cristãos quanto não cristãos.

Nesse sentido, a autora destaca o resgate de heróis bíblicos para espelhar os caminhos morais de seus combates pela fé. Em mesma instância, a análise de Ana Teresa pôde desvelar uma incongruência do autor, em um primeiro momento foi defendido por ele que a virtude se daria de maneira agregada a outros atributos, porém, na narrativa ela apareceu de forma individualizada. A exemplo, a fé lutaria contra adoração, a castidade contra a paixão e assim em diante.

Cada batalha entre as potencias está repleta de alegorias, críticas e referências ao repertório clássico e bíblico, a autora os capta e os problematiza de maneira pujante no decurso do capítulo. No âmago do poema há igualmente críticas a todos os que se opõem aos cânones cristãos nicenos, sobretudo Ário e Fostino, assim como há um claro resguardo de Prudêncio quanto a alma e as atitudes.

Conforme observou Manlio Simonetti e Emanuela Prinzivalli, mesmo que a produção literária de Aurélio Prudêncio não competiu à liturgia, nem por isso devemos desprezá-la para a compreensão do processo de transmissão dos dogmas cristãos e na releitura do arcabouço pagão.¹⁰

Coadunado a esta interpretação, a obra aqui resenhada buscou ao fim e ao cabo demonstrar como os poemas de Prudêncio são necessários e férteis aos historiadores. Não apenas como fonte auxiliar nas pesquisas, mas evidência histórica principal. Ana Teresa traz em seu livro um material rico em fontes e muitas questões a serem exploradas. Como postulamos, a obra se torna ainda mais relevante devido ao ineditismo em trabalhar um autor pouco explorado e que fornece outros pontos de partida para entender os fenômenos históricos.

¹⁰ SIMONETTI, Manlio; PRINZIVALLI, Emanuela. *Storia della letteratura cristiana antica*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2010, p. 484.